

ETHOS DISCURSIVO E MATERIALIDADE FÍLMICA: A REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL DA SURDEZ A PARTIR DA DISCURSIVIDADE CRÍTICA DE DUAS ESPECTADORAS DO FILME “UM LUGAR SILENCIOSO”

Rosemeri Bernieri de Souza¹

Resumo: Este artigo explora o ethos discursivo e outros conceitos a ele relacionados, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (MAINGUENEAU, 1996, 2002, 2011b, 2014, 2016; AMOSSY (2006). Analisa-se a repercussão do ethos discursivo do filme “Um lugar silencioso”, a partir dos discursos de opinião de duas leitoras/receptoras dessa obra cinematográfica. Além disso, articula-se uma discussão sobre a representatividade cultural das pessoas surdas e a visibilidade da língua de sinais, uma vez que no elenco do filme há uma atriz surda e que a materialidade sinalizada foi adotada na composição do enredo. Conclui-se que o ethos da personagem surda é construído a partir dos estereótipos e ideologias que circulam na sociedade. Conclui-se que a avaliação do ethos, por parte das leitoras/receptoras, é determinada por seus juízos de valor, suas crenças e seus princípios, que são fatores local, social e historicamente determinados, influenciando a sua adesão ou não adesão à representação construída.

Palavras-chave: Ethos discursivo. Materialidade fílmica. Surdez. Representatividade cultural. Língua de Sinais.

DISCURSIVE ETHOS AND FILMIC MATERIALITY: THE SOCIOCULTURAL REPRESENTATION OF DEAFNESS FROM THE CRITICAL DISCURSIVITY OF TWO SPECTATORS OF THE FILM “A QUIET PLACE”

Abstract: This article explores the discursive ethos and other related concepts, from the perspective of the French Discourse Analysis (MAINGUENEAU, 1996, 2002, 2011b, 2014, 2016 and AMOSSY (2006).) The repercussion of the ethos discourse of the film «a quiet place» is analyzed, based on the opinion discourse of two readers/receivers of this cinematographic piece. In addition, a discussion is articulated on the cultural representativity of deaf people and the visibility of sign language, since in the cast of the film there is a deaf actress and that signed materiality was adopted in the composition of the plot. It is concluded that the ethos of the deaf characters is constructed from the stereotypes and ideologies that circulate in society. It is concluded that the evaluation of the ethos from the readers/receivers is determined by their value judgments, their beliefs and their principles, which are factors locally, socially and historically determined, influencing their adhesion or not adhesion to the constructed representation.

Keywords: Discursive ethos. Filmic materiality. Deafness. Cultural representativity. Sign language.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, bernieri.rose@gmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Introdução

A materialidade fílmica tem sido discutida a partir de diferentes perspectivas: estética, histórica, técnica, procedural, artística, da espectralidade, da narrativa, dentre outras. De um ponto de vista semiolinguístico, o filme é uma mensagem ou um discurso que pode ser percebido e interpretado pelo espectador, também considerado como um leitor. Ao ser percebida, “toda imagem, sendo polissêmica, implica uma ‘cadeia flutuante de significados’, e o leitor pode escolher alguns e ignorar outros” (AUMONT; MICHEL, 2003, p. 18).

Entretanto, poucos são os trabalhos que, dentro da perspectiva da Análise do Discurso, investigam o ethos discursivo em filmes (SEEL, 2016; ALVES, 2013; BORGES, 2012; PIERRE, 2000). Segundo Bamba (2013), a constituição do sujeito espectador e as posturas que ele assume ao assistir uma produção cinematográfica começaram a ser alvo de debate a partir de 1970. Criou-se, assim, teorias sobre recepção e espectralidade que são usadas na investigação da interação entre o público e a obra. Desconhece-se, porém, estudos sobre a constituição do ethos discursivo sob o ponto de vista dos leitores/espectadores. É com foco neste último viés que este artigo tomará forma.

O filme “Um lugar silencioso”² causou um impacto no público surdo e ouvinte, repercutindo temas como representatividade cultural, visibilidade discursiva no cinema e na mídia e, neste trabalho, faz emergir a discussão sobre como os ethos das personagens são interpretados.

Portanto, a partir da análise da opinião crítica de duas espectadoras, cujos discursos foram retirados de um webjornal e de um blog especializado da internet, serão discutidos os conceitos e as categorias do ethos discursivo, que

² Título original ‘A Quiet Place’ (2018) da Paramount Pictures. Trailer oficial disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WR7cc5r7v8>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

são cunhados no seio da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como fundamento os aportes de autores como Maingueneau (1996, 2002, 2011b; 2014, 2016) e Amossy (2006).

Definida a orientação teórico-metodológica, este artigo aprofundará as seguintes temáticas: a relação entre cinema e discurso; a concepção de ethos discursivo; a compreensão do ethos discursivo fílmico e a discursividade crítica na web. Na parte prática e reflexiva, a partir da opinião crítica das receptoras, será feita a análise do ethos discursivo apreendido na materialidade do filme “Um lugar silencioso” e, por fim, serão discutidas as diferentes posturas quando à representação social e à representatividade cultural da pessoa surda.

Cinema e discurso

O cinema é um tipo de comunicação intersemiótica que envolve diferentes materialidades linguageiras, tais como: imagens, efeitos sonoros, línguas orais, sinalizadas e escritas, além de outros recursos como cenário, música, decoração, etc.

O discurso cinematográfico, ainda que incipientemente, já foi discutido por alguns autores no campo da Semiopragmática (ODIN, 1990; 2000), da Semiologia do cinema, tomando como base a Linguística Estruturalista (METZ, 1983; 2002), e da Análise semântica da competência espectral (BEAUREGARD, 1999).

O cinema é caracterizado por um enredo semiótico complexo, cuja análise deve considerar, por um lado, as relações com a linguagem e, por outro, com o discurso (BEAUREGARD, 1999). Este último pode ser entendido como “[...] um certo modo de apreensão da linguagem” relacionado à “[...] atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados” (MAINGUENEAU, 1996, p. 28)³.

³ “[...] un certain mode d’appréhension du langage [...] ‘l’activité des sujets inscrits dans des contextes déterminés’”.

De fato, o discurso envolve muito mais que a expressão verbal, pois abrange vários códigos semióticos, uma vez que a contemporaneidade é marcada pelo multiculturalismo e pela hibridizadora linguagem das práticas humanas, em que os elementos verbais e não verbais se inter-relacionam na formação de discursos. Diante dessa evidência, verifica-se uma extensão conceitual da noção de 'leitura' que pode abranger tanto a decodificação, percepção e significação da escrita quanto de outros signos que tomam forma em imagens estáticas ou dinâmicas, como na ilustração e na cena de um filme, respectivamente.

De acordo com essa perspectiva, para interpretar um enunciado, é preciso muito mais que captar e decodificar os elementos que o compõem, porque o discurso verbal e os outros elementos semióticos contidos nas cenas transmitem informações que perpassam o terreno social, cultural, histórico, ideológico e político da vida em sociedade, exigindo que toda leitura, necessariamente, passe pelo crivo da criticidade.

Dadas as informações sobre a relação entre cinema e discurso, é preciso vislumbrar como é concebido o ethos discursivo na perspectiva da Análise do Discurso francesa, o que será desenvolvido a seguir.

Ethos discursivo

O desenvolvimento da noção de ethos começa em Aristóteles dentro do quadro da retórica. Nesse espaço-tempo, o ethos era concebido como um modo de persuasão do orador para influenciar o seu auditório (FIORINDO, 2012). Mais tarde, o conceito se estendeu para a Sociologia e a Antropologia e, nesses espaços teóricos-epistemológicos, o ethos se refere ao conjunto de comportamentos e costumes socioculturais que

distinguem um povo ou um determinado grupo (cf. Significados, dicionário online⁴).

O primeiro a retomar o conceito dentro da Análise do Discurso foi Maingueneau (1996, 2002, 2011b, 2014, 2016), representante da linha francesa. Segundo o autor, o reaparecimento dessa noção, em 1980, visa responder às problemáticas relativas aos discursos (MAINGUENEAU, 2011b). Para esse autor,

– o ethos é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;

– o ethos é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;

– é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica (2011b, p. 17).

Desde que esse autor começou a revestir a noção de ethos de seu caráter discursivo, interativo, híbrido e sócio-histórico, não foi delimitada uma definição única, pois, à medida que os discursos são transformados nas práticas sociais, as problemáticas passam a recobrir outras realidades. Alguns anos antes, o autor justificava que a sua

[...] perspectiva excede em muito o quadro da argumentação. Além da persuasão por argumentos, a noção de ethos permite, com efeito, refletir sobre o processo mais geral da *adesão* dos sujeitos a um determinado posicionamento (MAINGUENEAU, 2002, p. 7).⁵

4 <<https://www.significados.com.br/ethos/>>

5 Ma perspective excède de beaucoup le cadre de l'argumentation. Au-delà de la persuasion par des arguments, la notion d'ethos permet en effet de réfléchir sur le processus plus général de l'*adhésion* des sujets à un certain positionnement.

Nesses termos, o autor fornece um entendimento mais ligado ao discurso proferido publicamente, em que o enunciador transmite uma certa imagem de si mesmo e, por sua vez, o destinatário/interlocutor faz uma leitura dessa imagem, a partir dos recursos visíveis e recuperáveis na discursividade do enunciador, aderindo ou não ao ethos discursivo. Assim,

– a enunciação confere uma corporalidade ao fador, ela lhe *dá corpo*;

– o destinatário *incorpora*, assimila, por meio da enunciação, um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se relacionar com o mundo;

– essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, da comunidade daqueles que aderem ao mesmo discurso (MAINGUÉNEAU, 2014, p. 32)⁶.

Em um artigo de 2016, o autor explica que há, em relação à noção de ethos, um senso comum de que um locutor, ao produzir um enunciado, ativa no destinatário a construção de uma certa representação de si mesmo, controlando esses efeitos por meio de estratégias específicas. A esse respeito, Borges (2012, p. 259) explica que o

Ethos tem a ver com o querer pertencer, pois é uma estratégia discursiva, pela qual o sujeito tenta a adesão de uma comunidade/pessoa, ou quer fortalecer sua influência sobre a mesma ou, então, quer seduzi-la. O *ethos* quer que os interlocutores adiram às suas verdades.

Um ethos discursivo é instanciado no momento da enunciação e “é determinado pela definição dos papéis conforme a cena genérica e a imagem de si que o locutor projeta no discurso”

6 – l’*énonciation* confère une corporalité au garant, elle lui *donne corps* ; – le destinataire *incorpore*, assimile à travers l’*énonciation* un ensemble de schèmes qui correspondent à une manière spécifique de se rapporter au monde ; – ces deux premières incorporations permettent la constitution d’un *corps*, de la communauté imaginaire de ceux qui adhèrent au même discours.

(AMOSSY, 2006, p. 82). O ethos discursivo pode ser dividido em ethos dito e ethos mostrado, o primeiro se refere ao que o locutor diz de si mesmo e o segundo, à sua maneira de mostrar quem ele é quando enuncia.

Devido à complexidade que a envolve, é preciso ampliar essa noção em pelo menos três dimensões: a dimensão categorial, a dimensão experiencial e a dimensão ideológica. Segundo Mainguéneau (2016, p. 2), elas podem ser assim descritas:

1. A dimensão “categorial” cobre os papéis discursivos ou os status extradiscursivos. Os papéis discursivos são aqueles ligados à atividade da fala: animador, narrador, pregador, etc. Os status extradiscursivos podem ser de natureza bastante variada: pai de família, funcionário, médico, motorador, americano, solteiro, etc.

2. A dimensão “experiencial” cobre as caracterizações sociopsicológicas estereotipadas: bom senso e lentidão do caipira, dinamismo do jovem executivo, etc.

3. Uma dimensão “ideológica” remete aos posicionamentos dentro de um campo: feminista, esquerdista, conservador ou anticlerical, num campo político; romântico, surrealista ou naturalista, num campo literário, etc.⁷

Além disso, é possível que, além do ethos discursivo, um ethos prévio ou pré-discursivo seja

7 1. La dimension « catégorielle » recouvre des rôles *discursifs* ou des statuts *extradiscursifs*. Les rôles discursifs sont ceux qui sont liés à l’activité de parole : animateur, conteur, prédicateur, etc. Les statuts extradiscursifs peuvent être de natures très variées : père de famille, fonctionnaire, médecin, villageois, Américain, célibataire, etc.

2. La dimension « expérientielle » recouvre les caractérisations socio-psychologiques stéréotypiques : bon sens et lenteur du campagnard, dynamisme du jeune cadre, etc.

3. Une dimension « idéologique » renvoie à des positionnements dans un champ : féministe, de gauche, conservateur ou anticlérical, dans le champ politique, romantique, surréaliste ou naturaliste, dans le champ littéraire, etc.

atualizado pelas impressões prévias que a audiência já possui do locutor antes da enunciação. Trata-se de informações que circulam a respeito da pessoa do enunciador sobre a instituição que representa, os estereótipos, a sua reputação social, etc.

Maingueneau salienta (2014) que, devido à sua complexidade, a análise do ethos não é uma tarefa simples, muito menos em nosso mundo contemporâneo, em que o avanço das produções audiovisuais e da cultura de massas complexifica as relações discursivas. Com efeito, os tipos de instâncias e suportes discursivos podem dificultar as análises e o tratamento das categorias. Por exemplo, na literatura, no teatro ou nos filmes essa noção deve ser trabalhada diferentemente, de forma a abranger as diferentes personagens, as intenções dos autores/produtores e as diferentes materialidades envolvidas.

O ethos discursivo fílmico

O ethos discursivo nas obras cinematográficas não foi alvo de muitas investigações (PIERRE, 2000; BORGES, 2012; ALVES, 2013; SEEL, 2016). Para a compreensão do ethos das personagens em filmes, Maingueneau (2014) nos fornece alguns subsídios por meio de suas análises aplicadas à Literatura e ao Teatro. Conforme o autor, na investigação do ethos discursivo literário, as personagens são locutoras encarregadas por dois planos de enunciação: o da própria personagem e o do arqui-enunciador⁸ (do dramaturgo/produtor), o que constitui a presença de dois tipos de ethos que interagem. No entanto, salienta o autor que, ao adaptar uma obra literária para o cenário teatral, entra em jogo o ethos do diretor (*metteur-en-scène*) da

8 Conforme Mendes (2011, p. 4), “Maingueneau adota o conceito de arqui-enunciador para designar o papel do autor dramático, cuja comunicação com o público é essencialmente indireta, mediada pelas enunciações atribuídas por ele às personagens. Disso resultaria ‘uma polifonia irredutível’, pois ‘a única enunciação que seria possível atribuir com validade ao autor é a interação dos atos de linguagem dos personagens’”

peça. Alves (2013, p. 70) confirma a possibilidade de adaptação ao cinema, dizendo que “no filme narrativo de ficção, as imagens de si resultantes dessa complexa enunciação conduzem à observação das representações que envolvem o diretor, o roteirista, os atores, as personagens, o gênero etc.”

O ethos da personagem pode se formar de traços do ator, do roteirista/produtor e ainda do diretor, revelando os valores marcadamente socioidentitários dos discursos reais ou fictícios, visto que não é mais possível acreditar na total neutralidade desses profissionais na construção de uma personagem, uma vez que toda prática discursiva é permeada por fatores socioculturais e ideológicos. No desenrolar deste trabalho, essa afirmação será comprovada, por meio da análise dos discursos extrafílmicos selecionados.

Para complementar, é importante esclarecer sobre o poder de persuasão do produtor/roteirista na orquestração dos imaginários coletivos, como foi observado por Lustosa (2017) na sua pesquisa sobre a imagem em movimento. A autora, que insere seu trabalho na Análise do Discurso Crítica, afirma que as complexas mensagens visuais carregam conteúdos implícitos e acredita que o diretor faz uso de certas técnicas de enquadramento, de escolha de planos e de ângulos para transmitir uma mensagem que cumpre uma função dupla: a de argumentar a favor da narrativa e a de convencer o público. Assim, embora ela não empregue a noção de ethos, é possível fazer a correlação entre algumas estratégias para a construção da dimensão psicológica das personagens ou, ainda mais complexamente, influenciar o público na perpetuação de uma certa ideologia ou preconceito que circula no contexto social de determinada época. A exemplo disso, Lustosa explica que “cenas captadas com ângulos baixos tendem a dar ‘poder’ ao personagem [...] ângulos altos produzem o efeito contrário: enfraquecem ou fragilizam os personagens [...]” (2017, p. 102).

Alves (2013, p. 72) complementa que

A composição do ethos da personagem é formada principalmente pela performance do ator (uma mistura de atuação, maquiagem e figurino) complementada por outros itens da abordagem técnica cinematográfica (cenário, enquadramentos, movimentos de câmera, luzes e efeitos sonoros usados na valorização das ações e expressões). Como resultado, cada papel representado por um ator no decorrer da trama exibe uma imagem de si, cujas qualidades dialogam com o espectador na construção da interpretação.

Uma apresentação e descrição mais detalhada serão fornecidas a seguir, quando serão recuperadas algumas instâncias do ethos discursivo na obra “Um lugar silencioso” a partir da análise dos discursos de duas leitoras/espectadoras. Paralelamente, essas informações serão articuladas à compreensão de algumas técnicas, as quais serviram de indícios para as suas interpretações. Antes disso, é preciso discutir como a web tem sido um espaço privilegiado para difundir a opinião pública sobre filmes.

A recepção crítica dos filmes na Web

Com o lançamento da web 2.0, houve um aumento significativo da participação pública de colunistas, críticos de arte, jornalistas, escritores convidados e blogueiros na rede, a fim de opinarem a respeito de determinadas obras. Alguns deles servem-se desse espaço para a exposição de suas percepções, impressões e críticas sobre produções artísticas. Essas manifestações discursivas geralmente são apresentadas em formato de texto escrito, apoiadas por imagens ou vídeos.

Com isso, desde que a internet abriu espaços virtuais dialógicos, as discussões sobre a construção do sentido de filmes e a própria construção argumentativa dos críticos têm atingido um alcance ainda maior, ampliando as possibilidades midiáticas das informações sobre o tema fílmico.

Maingueneau, a respeito do aumento da discussão sobre o ethos, expõe que

Parece claro que esse interesse crescente pelo ethos está ligado a uma evolução das condições do exercício da palavra publicamente proferida, particularmente com a pressão das mídias audiovisuais e da publicidade (2011b, p. 11).

Certamente, a informação de massa não favorece apenas as argumentações a favor e contra as produções literárias e artísticas como permite a investigação discursiva dessas manifestações públicas. Face aos efeitos que um filme causa no espectador, a sua leitura e interpretação passam por julgamentos estéticos que operam no discurso da crítica da obra.

De acordo com Aumont e Michel (2003, p. 69),

A crítica é o exercício que consiste em examinar uma obra para determinar seu valor em relação a um fim (a verdade, a beleza etc.) [...] A crítica tem, portanto, uma dupla função de informação e de uma avaliação.

Bamba complementa que “A própria crítica, especializada ou não, vem sendo apreendida como prática de recepção cujos ‘vestígios’ discursivos parecem tão importantes quanto os filmes sobre os quais ela escreve” (2013, p. 11). Assim, a investigação da recepção fílmica pode revelar fatores e determinações tanto de ordem estrutural como da composição narrativo-discursiva; tanto de ordem sociocultural como dos processos históricos, dos dados contextuais, dos valores ideológicos, das questões étnicas e raciais, etc. Ainda segundo Bamba,

[...] como o próprio cinema, a recepção passou a ser definida como prática de consumo, de apropriação, de leitura e interpretação pelos agentes sociais e pelas comunidades eles próprios historicamente determinados (2013, p. 51).

É a partir do ponto de vista discursivo de duas receptoras que será estabelecida uma análise na recuperação de ethos sociais que perpassam os discursos da obra fílmica e convergem com o imaginário social.

Análise da apreensão do ethos no filme “Um lugar silencioso”

Os signos cinematográficos pertencentes à categoria não verbal são tão fortemente geradores de sentidos quanto o são os signos da linguagem verbal. Com efeito, tanto na literatura quanto na cinematografia, os sentidos, ou a ausências deles, podem ser diferentemente retratados. Proust, com suas *madeleines*, conseguiu trazer ao leitor a noção de sinestesia. A passagem em que o protagonista de “Em busca do tempo perdido” descreve como a sensação palato-gustativa do pequeno bolinho o transportava no tempo, levando-o às memórias de sua infância. Esse relato não é somente literário, mas expressa algumas experiências sensório-cognitivas que caracterizam a vida humana. Toda memória, linguagem, percepção e atenção aos detalhes, aos pequenos pedaços que constituem o indivíduo têm um vínculo com as práticas da coletividade na qual ele se insere, quais sejam: sua família, uma associação, uma comunidade religiosa, uma sociedade, etc.

Ainda referente aos sentidos, José de Saramago, no seu “Ensaio sobre a cegueira”, que da publicação escrita foi para a película cinematográfica, coloca-nos em uma situação inusitada na qual todos os moradores de um local, menos uma mulher, ficam cegos. É muito mais do que literatura, é muito mais do que uma permissão à análise linguística ou estilística, trata-se de uma problematização sobre os valores sociais nos tempos de uma crise generalizada. A partir das impressões do narrador, é licenciada a compreensão

do leitor para a construção do sentido, conforme seu conhecimento de mundo, a sua percepção e o seu constructo historicossocial.

Da mesma forma que um sintagma verbal pode carregar uma significação socioideológica, a imagem também tem este potencial, afinal “Toda realidade, acontecimento ou gesto pode ser considerado um símbolo” (MARTIN, 2002, p. 101). O silêncio pode transmitir muita informação. É o que acontece no filme “Um lugar silencioso” no qual, para causar efeitos paradoxais nos espectadores, foi empregado esse recurso.

Assim, o objetivo aqui delimitado é de trazer elementos para a compreensão sobre como é feita a captura do ethos discursivo desse filme e de como ele pode estar impregnado de questões ideológicas da própria sociedade.

Portanto, a partir deste momento, buscar-se-á embasamento nos discursos de opinião crítica de duas espectadoras/leitoras do filme do diretor John Krasinsky. Desse modo, serão verificados os indícios de adesão ou não adesão ao ethos da personagem surda, conforme foi construído e mostrado pela equipe produtora, advertindo antecipadamente ao leitor sobre a existência de *spoilers* nesta análise.

“Um lugar silencioso” é um filme de ficção classificado entre o terror e o suspense e que foi muito bem acolhido pelo público e pela crítica. O enredo é construído num campo agrícola que, no estágio apresentado, está devastado, mostrando um cenário apocalíptico. A família Abbott, composta pela mãe grávida, pelo pai, por dois filhos e pela única filha, cuja singularidade é ser surda, é uma das últimas sobreviventes do lugar. Os membros dessa família se tornaram presas de criaturas alienígenas cegas que, por terem uma audição apuradíssima, orientam-se pelo som. Por isso, alguns dos fatores que permitiram a sobrevivência do grupo foi sua capacidade de interagir com a língua de sinais, o cuidado e a inteligência, sobretudo do patriarca, de

criar soluções para suprimir, senão diminuir todas as possibilidades de provocar ruídos e sons, tais como a fala humana, o tilintar de louças, os passos dos pés em assoalho de madeira, o inocente dispositivo sonoro de um brinquedo ou ainda o choro de um bebê; em síntese: todo e qualquer traço de presença humana ou animal que envolva o som.

Para compor a trama, o diretor se apoiou em crenças e medos, mas não somente, pois, como os discursos são caracteristicamente ideológicos, há outras singularidades que precisam de uma reflexão mais rigorosa para serem compreendidas. A surdez da filha, portanto, é um ponto crucial de conflito e uma metáfora ideológica que tem por objetivo “fazer brotar na consciência do espectador uma ideia cujo alcance ultrapassa o quadro de ação do filme e que implica uma postura mais ampla quanto aos problemas humanos” (MARTIN, 2002, p. 104).

A novidade para muitos é a de que o diretor fez questão de contratar uma atriz surda para compor o elenco. A jovem atriz chama-se Millicent Simmonds e, aos 14 anos, já atuou no filme “Wonderstruck” (Sem fôlego), que foi lançado em 2017.

Dadas essas informações, o ethos da pessoa surda será abordado, considerando o ponto de vista de duas leitoras/espectadoras.

Como foi explicado anteriormente, o filme “Um lugar silencioso” tem, como ponto mais relevante do enredo, a ausência do som; não fazer barulho é imprescindível para a sobrevivência naquele contexto. A leitura e análise desse material cinematográfico, a partir de suas instâncias discursivas verbal e não-verbal (elementos extra e paralinguísticos, gestos, cenário, efeitos sonoros, visuais, técnicas de captura de imagem com valor significativa, etc.), permitem que o leitor interprete o ethos das personagens. É a partir do ângulo do ethos discursivo individual (da personagem surda) e social (como a representação surda é interpretada) que esta análise se corporifica. Para isso, serão

tomados excertos discursivos de Pamela Kincheloe (2018), convidada pelo webjornal Huffington Post e a analista crítica de cinema para o blog SlashFilm, Kristen Lopez (2018).

Todos os exemplos a seguir se concentram na categoria de ethos discursivo mostrado, uma vez que estão relacionados aos aspectos visuais, comportamentais e simbólicos relacionados à personagem surda. Ou seja, como a maneira de enunciar/mostrar determina a identificação dos aspectos que compõem seu ethos.

A cena de abertura mostra a personagem Regan (filha surda) andando sozinha. Nessa cena, a câmera a apresenta do ângulo em que se percebe o seu implante coclear⁹ entre os cabelos. Essa abordagem precisa ser entendida a partir do entendimento técnico que contribui na construção do ethos da personagem. A técnica usada chama-se “close-up extremo ‘que permite concentrar a atenção do público em um detalhe de um personagem ou pequenos objetos” (MERCADO, 2011 apud LUSTOSA, 2017, p. 102).

Pamela Kincheloe (2018) percebe esse detalhe, dizendo que o implante

[...] é de fato uma das primeiras coisas que vemos no filme; nós vemos isso antes mesmo de efetivamente vermos Regan ou qualquer um dos outros personagens. É o *implante*, não a pessoa surda sinalizante, que é heróico¹⁰ (parágrafo 15).

Para Kristen Lopez (2018), uma mudança de perspectiva e orientação da câmera produziria outro efeito, diz ela que

Se a câmera tivesse tirado a mesma captura

⁹ Dispositivo composto por duas partes, uma interna, inserida cirurgicamente na cabeça, e outra externa, uma pequena caixa com eletrodos. Esse aparelho permite ampliar a sensação auditiva. O uso do implante coclear é bastante polemizado na comunidade sinalizante, porque os seus resultados são controversos.

¹⁰ It is one of the very first things we see in the movie; we see it even before we clearly see Regan, or any of the other characters. It is the *implant*, not the signing deaf person, that is heroic.

do lado oposto, removendo as informações sobre sua surdez, a ideia de que a ASL é uma necessidade de sobrevivência seria mais clara (parágrafo 7)¹¹.

Ao usarem a técnica de close-up extremo, os produtores e direção dão corpo a uma representação, reforçando um dos traços do ethos da personagem Regan que vai se estender ao longo de todo o enredo. Assim, as leitoras atribuem a essa e outras estratégias uma dimensão ideológica de incompletude baseada na questão da normatividade. O ethos da pessoa surda é construído em torno da necessidade de um complemento (o aparelho) para se tornar autônoma ou completa, ressaltando, além disso, uma dimensão experiencial de vulnerabilidade e dependência.

Em outra instância, embora esteja presente, a língua de sinais não é o foco do filme, haja vista o modo como ela é apresentada ao público. Kincheloe conclui: “Claro’, o filme parece dizer, “a ASL fornece uma boa ‘reparação’ de curto prazo – ela pode ser um meio de comunicação, e você pode sobreviver” (parágrafo 12)¹². Na mesma linha de pensamento, Lopez esclarece que

O roteiro de *Um lugar silencioso* é intencionalmente vago sobre se o uso da ASL pela família Abbott está diretamente ligado à surdez de Regan ou ao resultado da atração dos monstros pelo som [...] A ênfase no implante coclear de Regan, e a tentativa do patriarca Lee (Krasinski) de fazê-lo funcionar nesse novo mundo, implica que o uso de ASL é algo do qual eles dependem mais como meio de comunicação com seu entorno, o que é uma experiência positiva (parágrafo 6).¹³

11 Had the camera taken that same shot from the opposite side, removing the information about her deafness, the idea that ASL is a necessity for survival would be clearer.

12 “Sure,” the film seems to say, “ASL provides a good short-term ‘fix’ — it can give you a way to communicate, and you can get by.

13 *A Quiet Place’s* script is intentionally vague on whether the Abbott family’s use of ASL is directly because of Regan’s deafness or a result of the monsters attraction to sound [...] The emphasis on Regan’s cochlear implant, and patriarch Lee’s (Krasinski) attempt to make it work in this new world implies that the use of ASL is something they’re reliant on more as a means of communication in their surroundings, which is a positive experience.

Conceber uma variedade como meio de comunicação subentende o não reconhecimento da sua eficácia como meio privilegiado de interação. Indiretamente, continua latente o ethos da personagem surda como uma pessoa incompleta e agora percebida como um sujeito sem língua que deve sempre estar em condição de tutela, um ser inferior que deve se adaptar à língua da maioria por meio de dispositivos externos. A percepção das leitoras a respeito do valor atribuído à Língua de Sinais Americana - ASL - tem como fundamento vários indícios, mas vamos analisar apenas um deles.

Segundo Lustosa (2017, p. 101), “sendo o leitor leigo nas técnicas de composição, a argumentação externa o ajudará a fazer as ligações necessárias entre o plano adotado pelo autor e o efeito que ele produz no leitor [...]”. Assim, numa análise mais atenta, buscou-se identificar os elementos que levaram à interpretação das duas espectadoras. Efetivamente, percebe-se que, em determinados momentos, o enquadramento está tão próximo das personagens que os sinais aparecem truncados, pois não são totalmente visíveis. Nesse ínterim, a legenda ‘traduzia’ aqueles movimentos de mãos e braços. O foco, então, é a língua escrita, já que não era possível recuperar adequadamente os sinais. Afinal, a partir da legenda, os discursos ficavam atrelados à língua falada, por meio de seu sistema gráfico.

O surdo sinalizante tem a língua de sinais para interagir e discursivizar, porém, se essa língua não possui *status* dentro de determinado grupo hegemônico, certamente o discurso sinalizado será considerado um não discurso. Não se trata somente de um posicionamento ideológico, mas, também, o efeito da microfísica que sustenta as relações de poder que envolvem questões da ordem da legitimidade discursiva. É possível inferir que a deslegitimação discursiva está diretamente ligada às representações depreciativas que se tem de determinados grupos que são considerados inferiores; e o pouco espaço que a ASL teve no filme revela essa dinâmica.

A opinião crítica das duas leitoras/espectadoras reflete claramente suas posições sociais e ideológicas em relação à surdez. Kincheloe, enquanto professora associada a um instituto para surdos e competente na área de ensino e difusão de valores culturais, posiciona-se diferentemente de Lopez, uma analista de cinema que, apesar de ter uma leitura mais crítica do que se verifica na cultura dos não surdos, ainda traz em seu discurso as marcas da representação social majoritária no que concerne à pessoa surda. Segundo Kincheloe,

No final, para meu espanto, descobri que “Um Lugar Silencioso” é, na verdade, outro fornecedor do tropo da deficiência, sendo indissolúvelmente ligado e dependente da tecnologia, parte do que os estudiosos das deficiências chamam de “modelo médico”. Isso instância a crença de que a tecnologia, que fornece um meio científico e/ou médico de “curar” ou normalizar pessoas que não são “típicas da espécie”, deve ser louvada (parágrafo 11).¹⁴

Como pode ser depreendido, a autora, enquanto mãe de um filho surdo, a partir da materialidade do filme, retém o ethos da pessoa surda dentro da dimensão ideológica da deficiência ou da anormalidade. Entretanto, por não fazer parte do “mundo surdo”, Lopez tem outra impressão e retém o ethos do surdo como protagonista. Ela conclui que

Um Lugar silencioso é mais um passo para a melhor representação de pessoas com deficiência. Nesse ponto, diretores e roteiristas, especialmente no gênero de terror, estão mais conscientes de personagens com deficiências e, portanto, mostram interesse em conceder-lhes tempo na tela. É evidente que um mundo futuro não poderá existir sem o reconhecimento de pessoas com deficiência, e *Um Lugar Silencioso* combina esse conceito com uma nova ordem mundial que cria um equilíbrio entre pessoas com deficiência e pessoas fisicamente capazes (ou sem deficiência). O desejo efetivo de *Um Lugar Silencioso* de escalar uma atriz com deficiência

14 In the end, to my dismay, I found “A Quiet Place” is actually yet another purveyor of the trope of disability being inextricably yoked to and dependent on technology, part of what disabilities scholars call “the medical model.” It instantiates the belief that technology providing a scientific and/or medical means of “curing” or normalizing people who are not “species-typical” is to be lauded.

é a próxima evolução em direção a uma representação que *funciona*. (parágrafo 14)¹⁵

Nota-se que, em apenas um parágrafo, a palavra ‘deficiência’, no original ‘*disability*’, é repetida seis vezes. Além disso, contrapõem-se pessoas deficientes com pessoas fisicamente capazes (*able-bodied*). Assim, o pretense equilíbrio defendido pela autora é, de fato, revestido por uma representação negativa ligada ao ethos da pessoa surda, tal qual é repercutido socioculturalmente. Ou seja, embora o seu discurso seja favorável à representatividade da pessoa surda, há nas entrelinhas uma representação social negativamente alicerçada nos traços ideológicos da ‘deficiência’, da ‘incapacidade’.

Com base nessas informações, a questão da representatividade e da representação da pessoa surda será o ponto central do próximo tópico.

Representatividade e representação social

Se, por um lado, o sujeito não escapa à questão do ethos quando discursiviza, por outro, ele também pode interpretar erroneamente o ethos de uma coletividade diferente da sua, uma vez que essa interpretação é permeada pelas crenças e valores socialmente compartilhados. Aplicando esse princípio nesta reflexão, mesmo que determinado discurso fílmico tente promover a visibilidade de uma comunidade minoritária, ele pode tropeçar nessa tentativa por causa de estratégias que estejam contaminadas com uma visão de mundo deturpada e que serão incorporadas distintamente pelos espectadores.

15 *A Quiet Place* is another move towards better disabled representation. At this point, directors and screenwriters, especially in the horror genre, are more aware of characters with disabilities and thus are interested in giving them screentime. It’s clear that a future world cannot exist without acknowledging disability and *A Quiet Place* blends disability with a new world order that creates a balance between those with disabilities and the able-bodied. *A Quiet Place*’s active desire to cast an actress with disabilities is the next evolution towards representation that *works*.

Para Pamela Kincheloe,

Muitas pessoas da comunidade surda (inclusive eu) estão aclamando o filme, porque isso proporciona à classe ouvinte dominante uma exposição ainda maior ao que o psicólogo Harlan Lane chama de “Mundo Surdo” e porque isso indica mais uma vitória na mídia para a comunidade surda que continua tentando recentralizar a identidade surda com a ideia de “Ganho Surdo”. (parágrafo 5)¹⁶

Entretanto, esse “ganho surdo”, conforme o termo cunhado por Dirksen Bauman e Joseph Murray, é, segundo Kincheloe, rapidamente esvaziado do seu sentido ao se fazer uma análise mais crítica e aprofundada do filme.

Corroborando com essa ideia, Fabrício (2006) discute que a construção e divulgação de ‘verdades cristalizadas’ geram redes de forças que não necessariamente estão ligadas às instituições ou a um grupo de sujeitos, mas à microfísica que sustenta todas as relações de poder. Essas tramas são tecidas nas práticas discursivas, ramificam-se e interconectam várias esferas: história, economia, política, sociedade e cultura.

Constata-se, assim, que o público pode ou não aderir ao ethos de uma personagem. E essa adesão ou não adesão geralmente está associada às experiências reais dos espectadores, às suas crenças, seus valores, suas experiências e sua posição na ecologia social. Na verdade, o parâmetro para validar ou não o ethos de uma personagem parece estar mais ligado a um entendimento individual de percepção do mundo e do constructo historicossocial no qual o sujeito interpretante se constitui. O ethos da personagem surda, construído pelos produtores, leva diferentes públicos a leituras díspares e, às vezes, paradoxais: de um lado, a representatividade da atriz surda, o fato de a língua de sinais aparecer

na tela de um cinema, dando-lhe visibilidade, mas, por outro lado, principalmente quando os críticos têm conhecimento mais aprofundado sobre a pessoa surda e a língua de sinais, esses pontos favoráveis se tornam opacos, pois, ainda que a ASL seja evidenciada no filme, ao mesmo tempo ela é apresentada como um instrumento de proteção limitado e ineficiente para sanar os conflitos interpessoais entre as personagens.

Não obstante, a surdez também é retratada negativamente. Há uma certa tragicidade ligada a ela. Pamela Kincheloe argumenta que

Este não é um mundo verdadeiramente surdo-centrado. Nesse filme, o silêncio é assustador - pelo menos o é para as pessoas ouvintes [...] estar em “Um Lugar Silencioso”, isso é, um lugar de surdez e silêncio, não é desejável, de acordo com o filme. É um pesadelo. O som ainda é “algo” - ainda é o centro a partir do qual as personagens operam [...] (parágrafos 13-14)¹⁷

Com isso, não é a língua de sinais que está sendo colocada em evidência, a ausência do som é o foco, é dramático, senão terrível, viver sem o som. Assim, pessoas ouvintes aderem ao ethos da personagem e da família porque lhes parece extremamente inviável viver fora do mundo perceptivo e sociocultural que lhes é peculiar. No entanto, Kincheloe não o adere, pois ela tem uma experiência diferente com a surdez. Em outras palavras, a posição social em que ela se encontra lhe possibilita ver de outra perspectiva e o seu discurso deixa vestígios sobre o contexto socioideológico do qual se pronuncia.

O discurso fílmico tende a afirmar o ethos da personagem Regan como alguém vulnerável porque seu aparelho não funciona, ou seja, porque é surda, destacando o aparelho tecnológico como

16 Many people in the deaf community (myself included) are cheering the film on, because it provides the hearing mainstream with even more exposure to what psychologist Harlan Lane calls the “Deaf-World” and because it signals yet another media victory for the deaf community as it continues to try to re-center deaf identity with the idea of “Deaf Gain.”

17 This is not a truly deaf-centric world. In this film, silence is scary — at least it is for hearing people [...] But being in “A Quiet Place,” that is, a place of deafness and silence, is not to be desired, according to the film. It is nightmarish. Sound is still “something” — it is still the center from which the characters operate [...]

o salvador dos últimos sobreviventes da família. Segundo o sentido recuperado por Kincheloe,

Em última instância, o som, em forma de tecnologia, ajuda a aniquilar os monstros, e é a tecnologia que restaura a “normalidade” que salvará a espécie humana.

No final, não é a habilidade de comunicar silenciosamente por meio da ASL que salva os Abbotts (bom, alguns deles) dos ouvidos do mal. É aquela outra peça simbólica, o implante coclear, que salva o dia (parágrafos 14-15).¹⁸

Desse modo, a surdez é vista como uma fraqueza, uma anormalidade, e a extensão desses sentidos incide sobre a pessoa surda. Entretanto, a construção e interpretação do ethos acompanham a dialogicidade das práticas discursivas, exigindo que, em dado momento, seja necessário legitimar um ethos a respeito de si, de forma a desconstruir as representações errôneas que circulam em determinado meio.

Contrariamente ao que indica o filme, o ethos da atriz, recuperado de um depoimento, revela outro aspecto da pessoa surda. Numa entrevista à Ann Votaw (2018) da revista Observer online, Millicent fez comparações entre si e sua personagem:

“Regan está cheia de culpa”, explicou Simmonds. Assim como ela, Reagan é o único membro surdo de sua família. “Ela está sentindo como se odiasse a si mesma por ser surda. A surdez é uma fraqueza que pode matar os outros membros da família. Ela poderia fazer barulho e não ter consciência disso”. O relacionamento tenso com seu pai, que tem medo desse desastre em potencial, apenas contribui para seus sentimentos de vergonha. [...] É o conhecimento deles da língua de sinais que torna os Abbotts poderosos - permitindo que eles sobrevivam enquanto outros perecem ao redor deles. Ao passo que sua própria família faz uso dos sinais, a principal diferença entre a sua família na tela e a sua família da vida real é o estresse. “Minha família se sente confortável”,

18 Ultimately, sound, in the form of technology, helps kill off the monsters, and it is technology that restores the “normalcy” that will save the human species. In the end, it is not the ability to speak silently through ASL that saves the Abbotts (well, some of them) from the evil ears. It is that other symbolic piece, the cochlear implant, that saves the day.

ponderou Simmonds. “Os Abbotts nunca sabem se vão continuar vivos. Há muito trauma e culpa”. Apesar de compartilharem um espírito corajoso, há muito que separa Simmonds de sua personagem. “Estou feliz sendo surda. Estou feliz com a minha vida e a minha família. Não há nada para se sentir culpada” (parágrafo 15).¹⁹

Em resumo, a percepção cinematográfica perpassa as identidades e as instâncias ideológicas dos grupos aos quais os destinatários pertencem, desse modo, pode-se encontrar vestígios discursivos relacionados à posição no mundo, aos juízos de valor, às crenças e princípios, que são fatores historicamente determinados.

Conclusão

O objetivo deste artigo, distanciado da intenção de analisar a composição cinematográfica da obra, buscou, outrossim, investigar os pontos de vista de duas leitoras/espectadoras que se expressaram criticamente sobre as impressões que o filme “Um lugar silencioso” lhes possibilitou vivenciar e relacionar com suas concepções de mundo.

Nesse sentido, este artigo foi sendo construído da seguinte maneira: Num primeiro momento, foi estabelecida a relação entre cinema e discurso, em seguida, expôs-se os conceitos-chave da base teórica adotada: a análise do discurso de linha francesa. Na sequência, discutiu-se o ethos discursivo filmico, salientando sobre a escassez

19 “Regan’s guilt-ridden,” Simmonds explained. Like herself, Reagan is the only deaf member of her family. “She’s feeling like she hates herself for being deaf. Deafness is a weakness that can kill her other family members. She might make noise and not be aware of it.” The strained relationship with her father, who is afraid of this potential disaster, only contributes to her feelings of shame. [...] It’s their knowledge of sign language that makes the Abbotts powerful—allowing them to survive while others around them perish. While her own family signs, the main difference between her on-screen and real life families is stress. “My family feels comfortable,” Simmonds mused. “The Abbotts never know if they’re going to live another day. There’s a lot of trauma and blame.” Though they share a courageous spirit, there’s a lot that separates Simmonds from her character. “I’m happy being deaf. I’m happy with my life and my family. There’s nothing to feel guilty about”.

de publicações sobre esse tema e trazendo subsídios para o desenvolvimento de análises mais aprofundadas. Foram abordadas questões sobre como o espaço da web tem favorecido aos indivíduos de emitirem sua opinião crítica sobre determinadas obras. Posteriormente, foram feitas análises de dois textos, apresentando os aspectos gerais que possibilitaram a recuperação do ethos discursivo do filme em questão. Nesse momento, foi ressaltada a forma como determinados elementos visuais e efeitos técnicos contribuíram para influenciar o modo de incorporação do ethos pelo público. Assim, chegou-se ao momento de discutir alguns elementos que contribuíram para a visibilidade da cultura surda devido à presença de uma jovem surda como protagonista e o fato de as trocas linguísticas se darem em língua de sinais.

Entretanto, constatou-se que alguns aspectos negativos da surdez puderam ser inferidos a partir da construção argumentativa do filme, por exemplo, a forma como o implante coclear foi apresentado ao público como instrumento simbólico, potencialmente poderoso para salvar a família naquela situação emergencial. Enfim, discutiu-se que algumas representações sociais e culturais estigmatizam o surdo, mas que a mudança de perspectiva muda completamente as visões distorcidas. Com efeito, a reparação do ouvido não é senão uma idealização de uma maioria centrada no som, visto que, no caso da atriz Millicent Simmonds, o implante não restaurou a sua audição e que, graças à iniciativa de sua família, ela pode se desenvolver com a língua de sinais. Diferentemente do que acontece com sua personagem, para ela, essa língua foi o trampolim para a construção da sua identidade, de sua desenvoltura com o seu entorno, apesar de sua diferença, mostrando o ethos que seu discurso faz emergir: o de uma pessoa segura, realizada, sonhadora e empoderada.

Referências

ALVES, Carolina Assunção e. A. Imagens de si na tela do cinema: reflexões sobre o ethos **filmico**. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 2, p. 67-84, jul./dez. 2013.

AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris, Armand Colin, 2006.

AUMONT, Jacques; MICHEL, Marie. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papiers, 2003.

BAMBA Mahomed. Introdução: Estudos da recepção e da espectadorialidade cinematográficas: da teoria aos estudos de casos (vice-versa). In: _____ (Org.). *A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos*. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 7-18.

BEAUREGARD, Raphaëlle Costa de. *L'analyse du discours filmique : Laproblématique des fondements théoriques revisitée (Film de référence : Macbeth d'Orson Welles, 1948) »*, *Modèles linguistiques*, nº 40, 1999. Disponível em: <<http://ml.revues.org/1413>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

BORGES, Roberto Carlos. Representação de mulheres negras: cinema, ethos e identidades. In: *Revista de Educação Pública*, Cuiabá v. 21, n. 46, p. 243-260, maio/ago 2012.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Ethos: um percurso da retórica à análise do discurso. *Revista Pandora Brasil*, O ethos nos estudos discursivos da ciência da linguagem, nº 47, out. 2012.

KINCHELOE, Pamela J. 14 abr. 2018. '*A Quiet Place*' falls into a tired trope about deafness. Coluna para a Huffingtonpost. Disponível em:

< https://www.huffingtonpost.com/entry/opinion-kincheloe-quiet-place-deaf-people_us_5ad10645e4b0edca2cb9acc6>. Acesso em: 24 abr. 2018.

- LOPEZ, Kristen. 9 abr. 2018. *'A Quiet Place' is a step forward for disabled characters in Hollywood Movies*. In: SlashFilm, blogging the reel world. Disponível em: <<https://www.slashfilm.com/a-quiet-place-deaf-character/>>. Acesso em: 24 abr. 2018.
- LUSTOSA, Solange de C. Análise de Discurso Crítica e a análise da imagem em movimento: uma aproximação teórica. In: *Revista eletrônica Interfaces*, v. 8, n. 01, p. 40-53, mar. 2017.
- MAINGUENEAU, Dominique. Contexte et scénographie. *Scolia*, n°6, 1996, p. 185-198.
- _____. Problèmes d'ethos. In: *Pratiques*, n. 113-114, p. 55-68, jun. 2002.
- _____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011b. p. 11-30.
- _____. Retour critique sur l'éthos. *Langage et Société*, vol. 3, n° 149, 2014, p. 31-48. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2014-3-page-31.htm>>. Acesso em 24 abr. 2019.
- _____. L'éthos discursif et le défi du Web. Itinéraires, *Ethos numériques*, vol. 3, 2016, p. 1-12. Disponível em: <<http://itineraires.revues.org/3000>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- MARTIN, Marcel. *El lenguaje del cine*. Trad. Maria Renata Segura. Barcelona: Editorial Gedisa, 2002.
- MENDES, Cleise Furtado. Aspectos performativos do diálogo cênico. *VI Congresso da ABRACE*, 2010, São Paulo. Memória ABRACE Digital. São Paulo: ABRACE, 2011.
- Disponível em: <www.portalabrace.org>. Acesso em 24 abr. 2018.
- PIERRE, Joëlle. Perspective narrative et construction de l'éthos d'un personnage transmediatique et interculturel: Étude du personnage de l'instituteur dans des romans et des films français e turcs. *Recherches en communication*, n° 13, 2000, 167-94.
- SEEL, Martin. The ethos of cinema. *Contemporary Aesthetics* (journal), Special Contemporary perspectives on film and philosophy, vol. 5, 2016.
- VOTAW, Ann. 10 abr. 2018. *Millicent Simmonds on how the plot of 'A Quiet Place' relates to real life*. Entrevista publicada na Observer online. Disponível em: <<http://observer.com/2018/04/a-quiet-place-star-millicent-simmonds-on-john-krasinskis-new-movie/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Submissão: 22 de junho de 2019.

Aceite: 16 de setembro de 2019.